ENCONTRO COM O CENTRO ORGANIZATIVO DOS ARTISTAS PLÁSTICOS

Por ocasião da abertura da Exposição de Artes Plásticas que, fazendo parte do programa do Festival Cultural 25 de Junho-1980, tem estado patente ao público no Museu Nacional de Arte, tivemos um encontro com os dirigentes do Centro Organizativo dos Artistas Plásticos (COAP), pintores Mankeu Mahumane, Agostinho Mutemba, Jacob Estêvão Macambaco, Moisés Simbine e Sansão Cossa.

Prestaram-se amavelmente a responder a algumas perguntas e a trocar impressões connosco sobre a situação actual do COAP, perspectivas de desenvolvimento, dificuldades que enfrentam. Do essencial aqui damos conta.

TEMPO — **Como está constituído e como funciona o Centro Organizativo dos Artistas Plásticos?**

COAP — O Centro é constituído por cerca de 30 artistas e tem uma direcção de 5 elementos. A Direcção reúne semanalmente, às terças-feiras.

T — **E onde é que se efectuam essas reuniões?**

COAP — As reuniões são feitas na sede do Centro.

T — **Onde fica a vossa sede?**

C — Fica perto do Museu de História Natural, na Rua de Argel, n.º 190.

T — **Onde foi a sede....**

C — Sim, exactamente, do Núcleo de Arte.

T — **Essas reuniões fazem-se sempre no mesmo dia da semana?**

C — As reuniões normais. Mas às vezes é preciso fazer outras reuniões, extraordinárias, quando aparecem assuntos urgentes, por exemplo, organizar exposições fora do País ou mesmo dentro do País mas que não estavam previstas. Então, logo mandamos convocatórias aos outros artistas do Centro para reunirem connosco.

T — **Mas então as reuniões com os outros artistas que pertencem ao Centro, só se fazem nessas ocasiões?**

C — Não, não. Também temos reuniões certas com os nossos colegas em dias certos, que são às quartas-feiras, todas as semanas, pelas 18 horas.

T — **Como é que organizam as vossas exposições? Quer dizer, fazem exposições de mês a mês, de três em três meses, uma vez por ano, ou quando têm produção artística suficiente para fazer uma exposição?**

C — Bem, primeiro fazemos a recolha do trabalho dos artistas e marcamos um dia para começar a exposição. Temos algumas dificuldades para produzir, mas sempre pedimos aos artistas para realizarem as suas obras. Temos exposições permanentes, que são organizadas de dois em dois meses e que não se mudam du-

rante um mês mais ou menos. Depois trocamos algumas obras por outras ou fazemos outra exposição.

T — **Essas exposições fazem-se na sede do Centro, é isso?**

C— Sim, são na nossa sede.

T — **E essas exposições podem ser visitadas pelo público em geral?**

C — Sim, podem ser visitadas à vontade.

T — **Quais são os dias de visitas e o horário?**

C — São todos os dias. As exposições permanentes organizadas pelo Centro abrem da parte da manhã, às 8 horas e fecham às 17 horas.

T — **Mesmo aos domingos, também?**

C — Mesmo aos domingos também.

T — **Mas também fazem outras exposições como esta que foi inaugurada hoje aqui no Museu Nacional de Arte?....**

C — Fazemos. Pensamos fazer esta para festejar o 25 de Junho, data da nossa Independência. E também já fizemos outra, há pouco tempo, no Zimbabwe, quando foi a Independência daquele país.

T — **Levaram lá muitos trabalhos?**

C — Levámos.

T — **E essa exposição foi acompanhada por alguém do Centro?**

C — A exposição foi acompanhada pelo Malangatana mais o Dias Matlate e o sr. Bragança da Direcção Nacional de Cultura.

T — **Querem dizer que a exposição no Zimbabwe foi apoiada oficialmente, não é?**

C — Exactamente, tivemos o apoio da DNC.

T — **Quando é que pensam passar de Centro Organizativo a Organização com Programa e Estatutos?**

C — Ultimamente temos falta de materiais e na organização em si os artistas têm participado, mas devido a essas dificuldades, a participação não tem sido muita.

T — **Vamos perguntar doutra maneira, mais clara. Os artistas plásticos têm ainda um Centro Organizativo, são ainda uma entidade que está a formar-se, que ainda não está legalizada. Isto quer dizer que ainda não se sentem com força para apresentarem um programa e estatutos para serem uma organização oficializada pelo Partido ou pelo governo. Mas quais são as dificuldades? Há dificuldades porque os artistas não querem organizar-se, não querem colaborar nesse trabalho para passarem a ser uma organização oficial? É a maioria que não quer ou há outros problemas?**

C — A minoria é que não quer. A maioria colabora no Centro mas muitos não estão bem organizados. Por isso aí surgem muitos problemas, tanto na participação como em outras coisas. Ainda estamos a construir o Centro. Outros artistas ainda querem trabalhar individualmente. São poucos os que colaboram bem. Cada vez um número maior, cada vez um número menor....

T — **Varia?...**

C — Varia sim.

T — **Quer dizer que não são constantes. Umas vezes colaboram, outras vezes não colaboram. Portanto ainda não têm força.**

C — Alguns não trazem as obras para o Centro. E aí começam a surgir divisões se não há boa venda das

«O Mercado», pintura de Moisés Simbine (colecção do MNA)

obras. Se vendemos as obras numa exposição, os artistas estão bem organizados. E o problema é também de material para os artistas. Principalmente a Direcção não conseguiu criar condições para o Centro ter material. É isso que desorganiza.

T — **Quer dizer que os trabalhos que os artistas produzem, quer na pintura quer na escultura, são vendidos por cada artista?**

C — São vendidos por cada artista.

T — **Portanto, o artista pode vender como quer. O Centro não interfere. Cada um trabalha e vende a sua obra.**

C — Mas se pertence ao Centro, é o Centro que vende e depois entrega o dinheiro ao artista. O Centro fica com 15%.

T — **Para os fundos do Centro....**

C — Exactamente.

— A minha opinião é que a maior dificuldade está na falta de material. Cada vez nós ficamos mais parados, sem fazer exposições. Os artistas têm vontade de trabalhar, mas acontece que o material falta e a gente não consegue trabalhar.

T — **Como é que explicam que os artistas que não querem participar no Centro estão a produzir e eles arranjam material? Porque eles continuam a fazer trabalhos, não é? Portanto eles estão a arranjar materiais, porque eles estão a pintar, estão a esculpir, conseguem produzir. Eles não vão para o Centro porque o Centro não tem material para lhes fornecer. Onde é que está a dificuldade? Não sabemos se estamos a ser claros. Parece que eles têm mais possibilidades de arranjar material para trabalhar sózinhos do que o Centro tem de arranjar material para eles trabalharem dentro do Centro. Como é que explicam isso?**

C — Os artistas que não estão dentro do Centro

também não apanham material com facilidade e tanto como nós que estamos no Centro. Até estes trabalhos que conseguimos para apresentar aos nossos vizinhos do Zimbabwe e estes que temos aqui no Museu Nacional de Arte, foi com um sacrifício, muito grande. Foi mandado um membro do Centro à Beira e arranjou plastex e algumas tintas e pincéis, e no mesmo dia em que regressou esse elemento que nós mandámos, foi tudo vendido, até os outros não conseguiram ganhar para poder trabalhar. Muitos artistas não vieram apresentar porque não conseguiram arranjar material.

T — **Como é que os artistas do Centro trabalham? Cada um sózinho na sua casa ou já estão organizados para trabalharem colectivamente? Na FACIM do ano passado, o Centro tinha um pavilhão que para nós era dos melhores. Tinham lá muitas obras que não encontramos aqui nesta Exposição. Estava lá um companheiro vosso que não é profissional, trabalha num Banco, a fazer uma escultura para mostrar ao povo como é que os escultores fazem a escultura. Segundo esse artista nos disse, muita gente pensa que a madeira se mete numa máquina e assim sai feito o trabalho. Ele queria mostrar que a escultura se faz com as mãos e não com máquinas. Agora perguntamos se já experimentaram alguma vez ter uma sala e estar aqui um artista a fazer escultura e outro ali também a fazer escultura e outro além a pintar, ou se cada um trabalha sózinho lá na sua casa? Se nunca trabalharam assim juntos, colectivamente? Se ainda não trabalham assim, já pensaram em fazer isso? E se ainda não trabalham em conjunto, porquê?**

C — Temos que fazer colectivamente. Mas por enquanto ainda não começámos. Cada um pinta na sua casa. Nós, no ano passado, em 79, trabalhámos colectivamente lá na FACIM. Um pintava, outro esculpia. Quando acabávamos, a gente vendia tudo lá no Gabinete de Arte. Mas mesmo assim, ali no Centro ainda não começámos, mas estamos a combater para a gente ficar em conjunto e trabalhar.

T — **Estão a pensar....**

C — Sim, lá atrás do Museu, que tem uma oficina ao ar livre, mas ainda não estamos a trabalhar porque às vezes chove lá dentro.

T — **É vossa ideia....**

C — Sim, é nossa ideia juntarmo-nos aqui. É uma boa ideia para nós. Mas o Centro ainda não tem apoio para consertar a oficina.

T — **Quer dizer, têm essa ideia mas não têm condições.**

C — É isso e também não temos sítio suficiente. A oficina tem que ser reparada. A questão é de fundos.

T — **Outra coisa. Costumam trocar impressões quando acabam um quadro ou uma escultura, os artistas que já pertencem ao Centro? Perguntam qual é a opinião dos outros sobre o vosso trabalho? Se acham bem, se acham correcto. Quer dizer se costumam fazer crítica?**

C — Nós ainda não estamos bem organizados.

T — **Não estão bem organizados, quer dizer que os artistas pensam «aquilo que eu fiz está muito bonito e os outros não têm nada com isso.» É isso?**

C — É isso.

T — **Qual é o tipo de relações que os artistas que já estão a produzir há anos, há mais de cinco anos, têm com os artistas mais jovens aqueles que estão a começar? Quer dizer, trocam impressões uns com os outros, os mais novos pedem conselhos aos mais velhos que têm mais experiência ou também são individualistas? Ou os mais velhos não querem apoiar os mais jovens?**

C — Em princípio não há grandes problemas mas o Centro é que vai criar essas condições, de trabalharmos em conjunto. Nós damos sempre apoio aos artistas mais novos e trocamos experiências porque a arte não tem fronteiras. Há coisas que os mais novos fazem e que nós aprendemos, apoiamo-nos.

T — **E os mais jovens costumam ir ter com os que têm mais experiência?**

C — Sim, eles às vezes trazem o desenho e vêm pedir as cores. Eles não sabem ainda utilizar bem as cores e pedem a nós. E nós explicamos como é que de-

«Mercado» *pintura de Agostinho Mutemba*

«Vamos regressar», *quadro de Mankeu Mahumane*

vem utilizar as cores. Há jovens que costumam trabalhar connosco e que já conseguem lançar os seus trabalhos. O povo já aprecia os seus trabalhos. Alguns desses trabalhos já foram até na exposição do Zimbabwe. Portanto nós apoiamos a eles. E também eles têm ideias boas que nós aprendemos, pois não podemos dizer que somos mais velhos e trabalhamos juntos, em união sempre.

T — Quando os artistas vão pintar ou fazer esculturas, estão mais preocupados em representar a vida do povo no tempo colonial, com a exploração, a opressão, a humilhação, ou estão mais preocupados em representar as conquistas que o povo já conseguiu com a Revolução Moçambicana?

C — Bem, os artistas estão muito preocupados ainda com a humilhação da era colonial e a exploração, porque isso será muito difícil sair do espírito dos artistas e também estamos a acompanhar a Revolução porque enquanto o que passou já passou e nós lembramo-nos bem que temos avançar à frente. Também não podemos esquecer o que se passou em relação a nós e também que há ainda alguns países africanos que estão a lutar para se libertarem e dessa forma o artista nunca pode afastar de ainda apresentar algumas obras sobre a opressão e humilhação. Mas temos que avançar com a Revolução. Temos que construir...

T — Sabemos que no tempo colonial, alguns nossos artistas faziam exposições, geralmente cada artista fazia a sua exposição e os produtos do seu trabalho eram adquiridos principalmente pela burguesia colonial. Os moçambicanos praticamente não compravam obras de arte. Não é? Porque não tinham poder de compra. Porque não estavam ainda sensibilizados para isso. Porque, nós sabemos, o colonialismo tentou sempre afastar o Povo da sua cultura. Portanto o moçambicano não tinha possibilidades de ter obras dos nossos artistas nem mesmo de as ver. Hoje, no País independente, a situação é completamente diferente, porque não temos cá a burguesia colonial que adquiria esses trabalhos. Como é que realmente agora têm possibilidades de colocar os vossos trabalhos? Se o moçambicano acolhe as vossas obras com simpatia e as compra porque gosta de ter as vossas obras?

«Família» *quadro de Sansão Cossa*

«Cocuana» *pintura de Jacob Estêvão Macambaco*

C — Sim, é claro, eu posso acrescentar essa palavra porque no tempo colonial não era como estamos hoje. Cada qual trabalhava individual e depois vendia cada qual na rua particularmente e fazia a exposição cada pessoa e mesmo assim naquele tempo não havia escola. Não davam escola ao nosso Povo. E diziam este não é nada. Só escolhiam aquele que era era inteligente e metiam na escola, aquele que era mais inteligente subia mais do que os outros.

T — O assimilado?....

C — Não era o assimilado, era o mais inteligente, o mais esperto, aquele indivíduo que sabia mais, aquele que tinha mais criação, tinha a sua queda de trabalhar, nasceu com aquela arte da família, depois o governo colonial levava aquela pessoa para uma escola e fazia uma exposição....

T — Protegia esse?...

C — E levava-o para outros países, para mostrar que aqui eram muitos os artistas, fazia até cinema para mostrar aqueles países. Por exemplo, eu estive no cinema a mostrar uma exposição quando eu estive na Rodésia. Hoje o Governo da FRELIMO já tem uma escola para juntar todos os artistas que estudavam lá fora, terem todos a mesma escola. Por isso criámos um **atelier** para a gente estarmos juntos.

T — Quem é que costuma comprar as vossas obras de arte? Os moçambicanos já compram?

C — Sim, há alguns moçambicanos que adquirem obras. Mas ainda não são muitos. Muitos, preferem, querem e gostam das obras, mas não têm poder de compra. É a minoria que compra. Mas temos boas vendas. É que o Povo ainda não está a conhecer bem, a arte. E o Centro organizou-se para nós podermos expor à volta de Maputo, em empresas de maneira ao Povo poder conhecer a arte e aí, eles podiam gostar tam-

bém das nossas obras. Por enquanto eles não conhecem bem. É uma minoria que conhece a arte. E agora não sabendo qual é o valor duma obra, duma pintura ou duma escultura, aí eu acho que o Povo não iria adquirir uma obra dessas. Mas os artistas, principalmente o Centro, estão a tentar dar a conhecer a obra de arte ao público. Bem, nós criaremos várias maneiras para o Povo poder comprar, não sendo grandes obras, como se fossem painéis, mas pinturas, peças pequenas. Um tamanho que os nossos irmãos podiam aguentar comprar.

— Por mim penso que nós não devemos ficar muito atrapalhados por causa de o Povo não apreciar muito as obras de arte. Nós sabemos bem que na altura colonial a parte maior do nosso africano não tinha apresentado a arte e nem tinha aquelas condições para então pendurarem a arte. Por isso eles ficaram sem

«Os antepassados» *pintura de Marcos Daniel Zicale (Colecção do M.N.A)*

compreender. Para já eu acho importante que quase todos os estudantes que têm visto as exposições que nós temos feito e quase todos os professores compreendem já os artistas e acostumam os estudantes a visitar as nossas exposições. Tenho a certeza que depois de alguns anos, esses jovens que costumam visitar sempre os museus, exposições dos artistas, poderão viver de perto as nossas artes.

T — **Gostaríamos de saber se pensam ir às grandes empresas, a aldeias comunais, escolas, para fazerem lá exposições e conversar com os trabalhadores e os estudantes, para lhes explicarem o que é a vossa arte, o que é a escultura e a pintura, como trabalham, o que querem dizer, para as pessoas se interessarem mais? Até porque no tempo colonial isso era proibido. E também trocar experiências.**

C — Essa pergunta vem precisamente ao encontro da nossa agenda de trabalho. Já discutimos várias vezes sobre esse assunto, e chegámos à conclusão de que é preciso avançar nesse sentido, porque a arte é a nossa vida, é a vida quotidiana, é a expressão do Povo. É por isso mesmo que na era colonial o Povo não conhecia a nossa arte, porque não havia nenhum artista que tivesse a liberdade de ir ao encontro do Povo. Mas hoje temos essa liberdade. Portanto temos que fazer assim. Já fizemos uma exposição no BPD. Também estávamos para fazer uma exposição em Catuane mas parámos por causa da exposição no Zimbabwe e das comemorações da nossa Independência.

T — **Em Catuane seria para contactar com os camponeses?**

C — Sim. E também na RIOPELE era para fazermos uma exposição. Noutras empresas ainda estamos em estudo.

T — **E não acham que nessas exposições em locais de trabalho, podem falar com os trabalhadores, responder às perguntas e até a partir das tarefas deles, do seu processo de produção, ganharem novas experiências para servirem como temas para as vossas obras?**

C — Sim, porque o Povo tem que viver com o artista e o artista tem que viver com o Povo, porque o artista é Povo. Achamos que essa ideia é muito boa para trocarmos experiências.

T — **Agora, pensam que os artistas são pessoas especiais ou são produtores, trabalhadores tão importantes, como por exemplo, o camponês que está a produzir trabalhando na terra ou um operário que está numa fábrica a transformar os produtos?**

C — Pensamos que não há diferença, somos trabalhadores como outros, a ferramenta que é outra.

T — **Já falaram várias vezes em dificuldades de materiais para poderem fazer as vossas obras. Essas dificuldades são de materiais que têm de vir de fora do País ou que podiam encontrar aqui? Como pensam que se devem ultrapassar essas dificuldades? Já contactaram entidades oficiais?**

C — Sim, há dificuldades na aquisição de material. E há certo material que não se encontra em Moçambique, como óleo, telas, pincéis. Na parte da escultura

Pintura de um jovem artista, Idasse (Colecção do COAP)

Desenho de Idasse (Colecção do autor)

não há assim grandes problemas, porque o principal, temos boas madeiras para trabalhar. Mas já pensámos em superar essas dificuldades através do nosso Centro, por exemplo, se fizermos exposições em países socialistas, com o apoio das estruturas superiores, podíamos com a receita realizada lá, comprar materiais também lá.

T — **Vamos dar mais uma ideia. Não seria possível fazerem exposições em lojas francas, os vossos trabalhos serem pagos em divisas e depois utilizarem, com o acordo do nosso Governo, essass divisas para mandarem vir materiais de que precisam?**

C — A ideia é bastante válida, porque assim já não íamos muito longe. Podemos realizar exposições dessas. Também quanto a isso, o INAC prometeu que nos vai ajudar em materiais principalmente para pintura, porque para escultura temos à madeira e mesmo formões e martelos, não há muita dificuldade em conseguir.

T — **O que é que pensam: não seria de muito interesse estabelecer intercâmbios entre os artistas de Maputo e os do resto do País e dos outros Centros do País entre eles?**

C — Era muito bom nós trocarmos experiências com artistas, por exemplo na Beira, Quelimane, Nampula, onde há maior desenvolvimento na produção artística. Nós não os conhecemos e eles também não nos conhecem. Podíamos levar lá uma exposição e eles fazerem o mesmo com Maputo e outras cidades. Aquela exposição que nós levámos ao Zimbabwe foi uma honra para os artistas moçambicanos e também nos ficaram a conhecer. Se trocarmos experiências com outros artistas do País, aparecem novas ideias. Nós não sabemos como é que os macondes esculpem nem como trabalham na Zambézia. De maneira que se contactássemos uns com os outros lá mesmo no local, era melhor para todos nós.

T — **As deslocações são dispendiosas. Talvez fosse possível pedirem apoio a entidades oficiais, talvez à DNC, apoio financeiro adiantado para as deslocações e depois com a venda lá dos vossos trabalhos poderiam compensar em parte as despesas feitas. O que acham?**

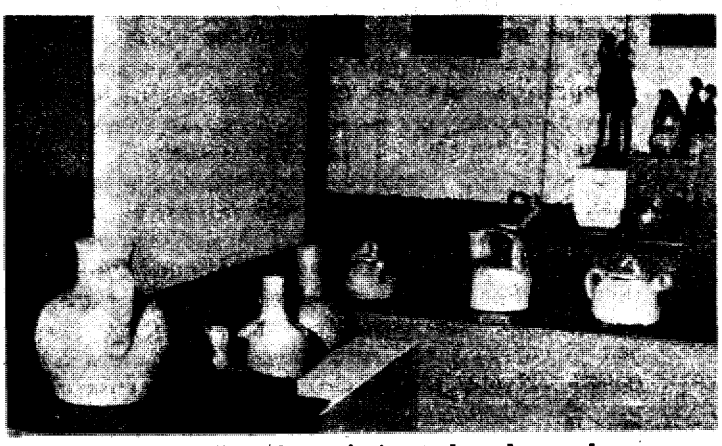
C — De facto, isso está correcto. Nós já temos uma casa na Beira, mas estamos parados por causa da falta de trabalhos para mandar. Até já temos lá um responsável para essa casa, um artista, que já tinha falado com o Senhor Ministro Matsinhe, e aquele artista ficava com a responsabilidade dos trabalhos que fossem mandados pelo Centro daqui. Mas ainda não mandámos trabalhos pelo facto de estarmos «enrascados» por falta de tintas. As que tínhamos arranjado lá mesmo na Beira, foram para os trabalhos da exposição no Zimbabwe e para esta que estamos a fazer aqui no Museu Nacional de Arte. Só então em Quelimane, Nampula e Tete, é que não temos pessoas para trabalharem connosco nessas iniciativas.

T — **E já pensaram em ir fazer exposições na Província do Maputo e também na Província de Gaza, por exemplo, no Chókwè para mostrarem a vossa arte aos camponeses das Cooperativas de Produção, nas Aldeias Comunais e aos trabalhadores do Complexo Agro-Industrial do Limpopo? Essas deslocações já não ficavam tão caras e mesmo que não tivessem grandes receitas, podiam divulgar a vossa arte a largas massas e obterem experiências importantes. Que acham?**

C — Sim, podíamos ir divulgar a nossa arte aqui mesmo na Província do Maputo, como em Matutuíne, Manhiça, Magude e também era importante e não muito difícil ir ao Chókwè e ao Xai-Xai. Era útil para o Povo e para os artistas. Temos que avançar mais para fora da cidade onde nós vivemos.

T — **Pensam que indo fazer essas exposições fora de Maputo, por exemplo, nas Províncias do Maputo e Gaza, podem aprender do Povo para trabalharem na vossa arte?**

Pintura de Titus, o mais jovem dos expositores (Colecção do M.N.A.)



Mostra de trabalhos de cerâmica pelos alunos do curso dirigido pela ceramista cooperante chilena, Adriana Fernandez

C — Os artistas do Centro, por iniciativa da nossa Direcção, já visitaram algumas empresas da cidade de Maputo e trocaram experiências com os trabalhadores ali e que se reflectiram na pintura e na escultura. Assim nós começámos a representar o trabalho nas nossas obras. Achamos que será muito útil estender essa experiência ao campo, para se aprender do campesinato. Porque noutros sectores do País, havíamos de adquirir novos conhecimentos, mais inspiração. Na era colonial essa experiência era feita individualmente. Agora devem os artistas fazer saídas colectivas. Para isso é preciso criar condições no Centro.

Entrevista conduzida por
Orlando Mendes
Fotos de António Marmelo

SEM PONTO FINAL

Ao procurarmos contactar os artistas que actualmente dirigem o Centro Organizativo dos Artistas Plásticos, fomos em primeiro lugar sugeridos pela qualidade da maioria dos trabalhos apresentados na Exposição então a funcionar no Museu Nacional de Arte e que se integrava no Festival Cultural 25 de Junho — 1980. E surgiram-nos assim algumas preocupações, em grande parte diferentes das que motivaram a mesa-redonda promovida pela nossa revista, com outros artistas plásticos, quando há um ano, em comemoração do 4.° aniversário da nossa Independência, se fez também uma Exposição, igualmente no M.N.A.

Entre estas novas preocupações estavam as seguintes: que avanço teria havido pelos artistas do COAP, relativamente à sua organização, aos meios de divulgação da sua arte; quais as relações actuais entre esses artistas e os que ainda se não integraram no Centro, porque se mantém o impasse, já que estes constituem mais de 50% dos artistas do Grande Maputo; que interesse se vem despertando entre os artistas para valorizarem as suas exposições, para os levarem a centros de trabalho, ali mostrarem a sua arte e ganharem experiências como inspiração para novos temas; se as suas dificuldades para a obtenção de materiais de trabalho teriam sofrido alteração significativa; quais as relações entre artistas experimentados e os que vêm começando a produzir ultimamente; que possibilidades se apresentam, a curto prazo, para se efectivarem trocas de experiências entre artistas plásticos do Grande Maputo e de outros pontos do País.

Estas e outras preocupações mostraram-se, de maneira geral, coincidentes ou próximas das dos próprios artistas que conversaram connosco. Notámos, contudo que há ainda certa instabilidade nas suas procuras de decisões, pouca consistência nos seus projectos, incapacidade para progressivamente agregarem outros artistas, que o sentido do colectivismo na organização e prática do trabalho, ainda está longe de poder passar à realidade. E sobretudo, nos pareceu que, apesar do entusiasmo com que continuam a trabalhar e de tentarem vencer as dificuldades que persistem, os artistas quer do Centro quer os alheios a ele, sentem a falta de um apoio mais amplo e efectivo, que lhes venha do exterior ao seu próprio meio. Pois algumas das promessas de tal apoio indicadas na referida mesa-redonda, não se concretizaram ou foram-no sem o alcance suficiente.

Temos esta entrevista colectiva com dirigentes do COAP como uma porta que se abre para que possam estabelecer-se mais reprodutivas relações entre os artistas plásticos e as entidades oficiais competentes.

Um pouco surpreendentemente, no programa do Festival Cultural 25 de Junho — 1980, não constava qualquer palestra sobre artes plásticas. Daí o querermos sugerir que se realize em breve, não uma mas um ciclo de palestras, englobando vários temas, entre os quais que julgamos mais importantes para já, o da situação completa dos artistas plásticos, não só desta cidade mas incluindo os do resto do País, porque, neste campo mais uma vez é de defender-se uma unidade nacional de frente cultural.

E será obviamente indispensável que para, os encontros proporcionados por essas palestras, sejam motivados os artistas plásticos que se integram no COAP e os outros que, por razões não bastante claras, não aceitam dar a sua colaboração. Amplos debates públicos, entre responsáveis e os artistas e entre estes, em que também outras pessoas interessadas possam participar. Eis o que propomos, convencidos, depois da conversa com os dirigentes do COAP, de que se torna necessário agitar a estagnação até ao fundo da água turva, que muitos dêem uma contribuição positiva para se dinamizar correctamente o apoio aos artistas plásticos e que daí possa resultar-lhes um fortalecimento de tomada de consciência colectiva. E também, ainda sem ponto final.